



3x4

OTTOMAR:

OTTOMAR PINTO: (Entrando na Redação do PORANTIM) Bom dia. É aqui que fica a (sic) CIMI?

PORANTIM: O senhor quer deixar algum recado?

OTTOMAR: Não. Eu sou o governador de Roraima. (Com um jornal na mão) É sobre esta carta aberta ao sr. Ministro do Interior. Jamais passou pela minha cabeça a idéia de colocar esses garimpeiros em terra do futuro PARQUE YANOMAMI ou na Serra do Couto Magalhães. Apenas o "Estado de São Paulo" mencionou que seria uma alternativa. Eu sou contra porque poderá haver uma corrida ao ouro com garimpeiros entrando nas reservas indígenas. A minha posição sempre foi exatamente oposta a essa, porque pode tumultuar os estudos sobre o Parque Yanomami.

PORANTIM: Qual é a sua posição em relação ao Parque?

OTTOMAR: Honestamente, eu sei que o assunto está sendo objeto de estudos sérios pelo Ministério do Interior, parece até pelo próprio Presidente da República. De maneira que eu acredito que o assunto está sendo tratado com o respeito que a causa merece.

PORANTIM: (Com surpresa) Quer dizer que o senhor está a favor da Campanha Pró-Parque?

OTTOMAR: Eu não tenho elementos para dizer se a campanha seria eficaz ou inócua. Eu acho que toda a campanha que tenha um sentido humanitário deve ser tocada pra frente. E essa realmente tem um sentido humanitário. Agora, o que eu quero deixar bem claro é que o nosso programa de governo — e seria bom que fosse alguém daqui pra olhar — o nosso planejamento é todo feito, todo direcionado para o Oeste. O meridiano 62 pra nós é intocável...

PORANTIM: Mas há algumas fazendas acima, na área Makuxi, Wapixana...

OTTOMAR: Eu não sei, porque, veja o senhor, é impossível combater a criminalidade numa cidade como Manaus, e eliminar a prostituição, pois a cidade é limitada, imaginem numa extensão como aquela, onde a gente está tomando conta de tudo, se existe, se penetraram lá, não tem o aval do INCRA, não tem o aval do governo, não tem o aval do Ministério do Interior. É iniciativa audaciosa de quem quer que tenham feito isso.

PORANTIM: Na área do meridiano 62?

OTTOMAR: Na área do meridiano 62, para oeste, porque, parece, os limites do projetado parque...

PORANTIM: O Parque é mínimo. E a população indígena de Roraima é uma das maiores, quase a metade da população...

OTTOMAR: E de descendência indígena...

PORANTIM: E são índios também. E toda a área além do meridiano 62 a oeste pertence aos índios...

OTTOMAR: É, aquele pessoal, muitos deles, vivem tutelados: em comunidades da FUNAI, mas os mais jovens, por exemplo, já perderam os traços culturais que os ligavam ao passado. O senhor vai, por exemplo, ali na região da Fazenda de São Marcos e ao se conversar com os jovens, nota-se que são poucos os que falam o idioma dos antepassados, embora na maloca da Raposa o pessoal fale o idioma...

PORANTIM: Parece que na maloca da Raposa, o Chefe de Posto Abel, perdeu a posição de líder, os índios não gostam mais do Abel...

OTTOMAR: Engraçado, eu senti um respeito muito grande pelo Abel...

PORANTIM: A respeito pelo fato de agora ele ser autoridade, mas conversando-se com os outros da comunidade eles dizem muita coisa das atitudes de Abel.

OTTOMAR: A maloca já está organizada, trabalhada, o pessoal planta...

PORANTIM: Há uma dificuldade muito grande nas plantações, porque a roça está

EM VISITA AO PORANTIM

O governador nomeado de Roraima, brigadeiro Otomar de Souza Pinto, após a publicação da carta aberta do CIMI Norte I ao Ministro Andreazza em que se pedia a sua demissão por querer abrir o território Yanomami — notícia divulgada pelo jornal "O Estado de São Paulo" — compareceu de surpresa, pessoalmente, à redação do PORANTIM, acompanhado do representante do Território de Roraima no Estado do Amazonas. Na nossa redação, ele abriu o verbo, numa entrevista que foi gravada. Ottomar então se pronunciou contra a invasão das terras indígenas e à favor da campanha pró-parque Yanomami; comparou o combate contra os invasores de terra com a luta contra a prostituição e a criminalidade; prometeu tomar providências contra o fazendeiro Epitácio Lucena, cujo gado invade as roças indígenas, junto com o gado do Deputado Júlio Martins; disse que muitos índios não são mais índios porque "já perderam os traços culturais"; prometeu construir açudes dentro das malocas; falou que defende "o indígena nacional" e que seu avô era índio e "foi amarrado e domesticado contra a sua vontade"; desmentiu o correspondente do "Estado de São Paulo no Amazonas", confessou-se ex-aluno salesiano e católico fervoroso; passou um "pito" na FUNAI que não lhe informa sobre os conflitos e admitiu que o papel do PORANTIM é importante, pois "é bom detectar injustiças"; durante a entrevista Ottomar não deixou quase que se terminasse as perguntas formuladas e tentou conduzir a entrevista voltando sempre ao problema do garimpo. Confessou que quando propôs a abertura do garimpo, não conhecia o Estatuto do Índio, disse, num momento, que "o nosso planejamento é todo feito direcionado para o Oeste", acrescentando posteriormente que "nós estamos desenvolvendo um programa justamente para abrir frentes possíveis de garimpagem na região Leste".

muito longe e também o gado dos fazendeiros invade as roças e...

OTTOMAR: O que eu queria deixar claro é que nunca, jamais, em tempo algum, passou pela minha cabeça colocar esses garimpeiros que vieram da Venezuela na Serra Couto de Magalhães. Absolutamente! Nunca passou pela minha cabeça isso. No entanto, sou acusado de ir pedir ao ministro um negócio desse, eu estive com o ministro e nem toquei neste assunto...

PORANTIM: (cortando e mudando de assunto) parece haver um preconceito muito grande contra os indígenas, em Roraima...

OTTOMAR: Talvez o senhor tenha um certo viés, porque o senhor é um homem muito entrosado na problemática indígena, muito identificado com o sofrimento que o indígena nacional tem, mas, não existe e nem pode existir, porque a maior parte da população de Roraima tem sangue indígena, a começar pelo seu governador. O meu avô era índio aqui no Amazonas. Foi pegado, foi amarrado, foi domesticado contra a vontade. Acabaram transformando meu avô num funileiro e ele foi parar no sertão de Pernambuco, onde se casou com minha avó. O pessoal que chega lá para investir é que tem uma posição contra, porque tem ambições de terra e procura ridicularizar a população mas, a população em si, não tem nada contra.

PORANTIM: Talvez os investidores são apoiados por alguns políticos, como o deputado Júlio Martins...

OTTOMAR: O senhor Júlio Martins, não sei se o senhor sabe, também é um fiel da igreja católica. É um homem que segue à risca a doutrina cristã. E vou dizer uma coisa: a fronteira agrícola de Roraima nem daqui há trinta anos, chegaria na região dos Surucucus, porque tem muita terra por ocupar no território.

PORANTIM: Eu estive lá e comprovei: a área do Surucucu, não é uma área discriminada, mas o paralelo 62, como o senhor falou, está praticamente todo ocupado.

OTTOMAR: Não está. Vá lá e vamos ao INCRA que eu lhe provo como não está...

PORANTIM: Tem mais; até me ofereceram: "Você pode entrar lá para pegar terra, para pegar tudo"...

OTTOMAR: Bom, mas se o senhor observar as colônias que o governo está fazendo, verá que todo o planejamento é orientado para aquelas terras discriminadas e que não conflitam com reservas indígenas.

PORANTIM: Recebi uma carta do tuxaua Alcides da nação Wapixana mandada ao fazendeiro Epitácio Lucena. Uma carta dramática. O tuxaua Alcides pertence à região do Taiano. Já angustiado ele fala que, desde 1964, o gado constantemente invade as roças. Aliás, ele está acossado pelos "gaúchos" que estão fazendo uma grande plantação de arroz até a fazenda do Epitácio Lucena, isso na maloca da Barata, eles estão impressionados.

(Trecho da carta de 3/12/79, lida na hora ao

governador).

"Nós, índios da fazenda da Barata, estamos lhe comunicando que seu gado continua nos dando prejuízo. A nossa roça está pisada pelo gado. Sábado, dia 1 de dezembro, pelas 20:00 horas, foram encontradas 42 reses dentro da nossa roça comunitária. O gado quebrou muita maniva. Já pedimos que tomassem as providências. Até hoje não fomos atendidos. Os prejuízos continuam ainda mais"...

OTTOMAR: (Enérgico). Eu lhe garanto o seguinte: quando eu chegar lá vou me inteirar desses fatos e tomar providência. Eu não sei disso. Naturalmente isso foi comunicado à FUNAI.

PORANTIM: Ao delegado da FUNAI e uma carta ao Epitácio Lucena.

A fazenda do próprio Júlio Martins, na aldeia de Anta, onde a cerca faz limite com a maloca, imprensa o pessoal. Eles estão sufocados, cercados. Há uma fazenda lá perto de Malacacheta onde os índios estão proibidos de pescar e...

OTTOMAR: Nada disso o governo sabe. Agora, é lamentável que também eles não procurem a gente para contar. Eu não digo os próprios tuxauas mas, a FUNAI, procurar o governo para juntos tomarmos providências, porque não é o PORANTIM escrevendo que vai resolver o problema. O problema se resolve a gente sentando o delegado da FUNAI, o tuxaua, o secretário de segurança, o governador para a gente tomar providência, porque ninguém deseja que ninguém seja esbulhado.

PORANTIM: Mas, é justamente com essa finalidade que se procura informar e tornar público todas essas arbitrariedades. Eu acredito que também a opinião pública tenha uma força muito grande.

OTTOMAR: Não há dúvida, mas acontece o seguinte: o que se quer é resolver o problema, ou excitar a opinião pública?

PORANTIM: Acontece que muitas vezes, esperar pelas autoridades não os resolve.

OTTOMAR: É, mas vamos tentar os meios legais. Os meios legais é quando os meios legais não produzem efeito.

PORANTIM: (Em cima da bucha). Não é meio ilegal. A imprensa não é livre?

OTTOMAR: (Desviando outra vez). Está certo, mas não é justo chegarem e chamar-me de genocida. Eu não falei que abriria Couto de Magalhães. (Leu trecho da carta aberta). Eu falei: Não vamos colocar gente lá para não prejudicar o projeto do Parque Yanomami. Quando dissemos ao presidente para propor a abertura do garimpo, isso se deve a várias razões: Antes de conhecer o Estatuto do Índio, logo que eu assumi o governo, logo nos primeiros dias, havia aquela história de Surucucu, etc. Ai eu fui visitar Surucucu, e, ao chegar em Boa Vista, li o Estatuto e vi que realmente não era legal, você não pode legalmente, colocar garimpeiros em reservas indígenas. Você pode ter em reserva indígena uma empresa de mineração trabalhando. Isto sim, está de acordo com o "código de minas", desde que você pague os direitos que são devidos à FUNAI ou à comunidade indígena, na área residente. Então,

como é que eu, formado em Direito, iria propor uma solução deste tipo: colocar garimpeiros numa área que é flagrantemente proibida a garimpagem. Há uma injustiça nessas colocações e não passou pela minha cabeça, pelo contrário, o senhor pode até colocar: O GOVERNADOR DESMENTE AFIRMAÇÕES DE UM CORRESPONDENTE DO "ESTADO DE SÃO PAULO" QUANDO DISSE QUE ELE IRIA ABRIR O COUTO DE MAGALHÃES. Desminto formalmente isso. E convidei o CIMI para ir a Roraima, já que vocês detectaram as injustiças contra as comunidades indígenas. Vamos chamar estas pessoas, discutir e resolver estes problemas. Acabar de vez onde tem a cerca e o seu trecho vá entrar nas áreas indígenas, vamos fechar e indenizar.

PORANTIM: Não. Negativo! A primeira coisa que o senhor poderia fazer é ir na FUNAI, pegar o memorial descritivo das áreas, olhá-los, ir nas malocas e ver quantas fazendas estão instaladas dentro da delimitação feita pela FUNAI, que já é pequena. Eles estão dizendo que é muito pouca terra, e a maioria diz que a terra num dá pra plantar. "Vá falar com os índios".

OTTOMAR: (Trocando de assunto). Na região do Lavrado é difícil o índio prosperar. Então, ele, em geral, constrói suas roças na região da mata — nós estamos fazendo, agora, um centro de piscicultura em Boa Vista e vamos colocar açudes, pequenos açudes dentro das malocas. Se não me engano, há trezentos milhões de cruzeiros reservados para fazer demarcação de áreas indígenas para esse ano (1980). De maneira que a solução vai ser resolvida.

PORANTIM: E a invasão do gado?

OTTOMAR: Então, eu queria lhe dizer que a minha formação moral, meu patrimônio ético é o mesmo patrimônio seu e desses padres por aí, porque eu tive uma educação sa-lé-a-na. Sou ca-tó-li-co praticante. Mas, praticante mesmo, não católico de estatística. Eu acredito que uma pessoa que se averbera dos evangelhos não pode cometer este tipo de bestialidade que vocês estão me imputando. Eu tenho uma consciência jurídica, sou formado em Direito e não admito que digam que o ministro deva ler para mim o Estatuto do Índio. Eu tenho certeza que depois de você me conhecer eu convidando-o para discutir com seriedade esse problema você não mais escreverá um negócio desse tipo. A não ser que você chegue lá e diga: eu sei que o brigadeiro é um mafioso. Ele está contando uma história aqui e está fazendo outra lá", entendeu? Agora, eu acho bom que você detecte essas injustiças, porque a gente chama estes fazendeiros lá na minha sala e aí vão se discutir preto no branco com a FUNAI lá perto e, vão se encontrar soluções. Você tem um convite formal. Só quero que vá realmente animado do propósito de bem servir à causa indígena que eu sei que você tem. Vá com espírito do Evangelho, não vá dar uma de Arafat, quando chegou na ONU com um ramo de oliveira numa mão e a metralhadora na outra. Vá, sim, com um ramo de oliveira e com o Estatuto do Índio na outra mão. Daí discutiremos, corrigiremos as injustiças que pudermos corrigir. "Temos 46 escolas em malocas indígenas. Damos livros, cadernos, professores e distribuímos merenda escolar. Então, não há da parte do governo, um estado de discriminação contra o indígena. E também, não há de nossa parte, interesse de garimpeiros em SURUCURU.

PORANTIM: Porém, o interesse é dos próprios garimpeiros...

OTTOMAR: Ah! Eles querem, e só não foram ao Couto de Magalhães, porque me respeitaram. Chegaram a cadastrar no INCRA. Queriam cadastrar no INCRA terras que a Constituição facilita, cem hectares para cada brasileiro. Eu falei — não. Não vão porque não deixamos; se for, tiramos. "Então, eu acredito que por não nos conhecermos aconteçam coisas desse tipo. Eu nem sabia como é que era a CIMI — NORTE I. Esta é a primeira vez que venho aqui. Eu acho bom que se detecte essas mazelas, pois vamos tentar resolvê-las, vocês, os missionários, a FUNAI, eu, o governo, a polícia lá, o Sindicato Rural. Chama-se o fazendeiro para indenizar o prejuízo ao tuxaua. Se não indenizar, arranjamos testemunhas e entramos com uma ação de indenização.

